



DA REPRODUÇÃO ÀS RECOMPOSIÇÕES DAS ELITES:

*as elites administrativas, econômicas
e políticas na França*

Monique de Saint Martin*

RESUMO

Este artigo apresenta um panorama tanto dos esquemas analíticos quanto de parte dos resultados de estudos acerca das elites administrativas, econômicas e dirigentes na França. Por um lado, oferece um panorama variado e renovado das discussões das Ciências Sociais em torno dos grupos dirigentes, destacando os estudos que enfatizam as transformações em curso, as recomposições, reconversões e a internacionalização crescente das elites. Por outro lado, também indica as tensões entre diferentes princípios e estratégias de legitimação das frações dominantes, com a progressiva imposição de recursos centrados numa competência dita técnica, e uma crescente competição entre as elites.

Palavras-chave: elites, França, recomposição social

* Diretora de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Pesquisadora no Institut de Recherche Interdisciplinaire sur les Enjeux Sociaux, (EHESS/IRIS), Paris.

TOMO	São Cristóvão-SE	Nº 13	jul./dez. 2008
------	------------------	-------	----------------

A tendência à continuidade, à coesão e à reprodução das elites administrativas, políticas e econômicas é bastante forte na França - sem dúvida mais forte do que em muitos outros países¹. O acesso aos grupos dirigentes é bastante fechado sobretudo em razão de um sistema de formação das elites organizado em torno de *grandes écoles*² e de classes preparatórias (*classes préparatoires*³), e as reformas políticas, sociais, jurídicas ou econômicas em geral demoram bastante tempo até que seus efeitos sejam sentidos; as mudanças de governo, de política, o que se denomina «alternância», com frequência acarretam inflexões nas equipes no poder e em diretores de ministérios, mas não alteram em profundidade os equilíbrios estruturais. Por exemplo, a probabilidade de que um *outsider* pouco conhecido na classe política torne-se, em pouco tempo, presidente da República é extremamente baixa⁴.

No entanto, transformações estão em curso na composição das elites, nas instituições que detêm o poder, assim como nos modos de exercício do poder, nas maneiras de fazer e de agir dos diferentes dirigentes, nas formas de legitimidade sobre as quais as elites se apoiam⁵. Parece de fato que as elites estão menos rígidas e menos imutáveis na França do que

¹ Uma primeira versão deste texto foi publicada em *Anuario IEHS*, Universidad del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Tandil, n° 16, 2001.

² As *grandes écoles* - como a Ecole des Mines, Ecole Polytechnique, Ecole Normale Supérieure, Ecole Nationale d'Administration - situam-se no alto da hierarquia do ensino superior francês, em geral acima das universidades. (N. T.).

³ As classes preparatórias às *grandes écoles*, com duração de dois ou três anos, destinam-se aos alunos que pretendem prestar concurso de entrada nas *grandes écoles* e escolas de engenharia. Estes cursos apresentam três eixos principais segundo as carreiras desejadas (econômica e comercial, literária e científica), ocorrem nos liceus e exigem a posse do diploma de *baccalauréat* (2° ciclo do ensino médio francês) ou de nível equivalente. A seleção ocorre através de análise das candidaturas (N. T.).

⁴ Essa constatação foi frequente após a eleição de Barack Obama.

⁵ Luc Boltanski analisa muito bem esta mudança nas formas de legitimidade e nas modalidades do poder de Estado desde os anos 1970: «Trata-se, para ser breve, de um enfraquecimento da legitimidade política fundada na referência ao povo (denegrada como 'parlamentarismo' antes de sê-lo como 'populismo'), à vontade coletiva (em termos rousseauístas), à consciência coletiva (em termos durkheimianos), para a qual o momento do voto, da eleição, constitui a prova determinante, em proveito de uma legitimidade fundada na *expertise*, ou seja, nas técnicas e nas ciências, as ciências ditas «exatas», é claro, e particularmente na biologia, mas sobretudo - e aí talvez resida a principal inovação -, nas ciências ditas sociais, em primeiro lugar a economia e, em segundo lugar, a ciência política, a demografia e a sociologia, tendo como instrumento principal a estatística e a econometria». Cf. Luc Boltanski, *Rendre la réalité inacceptable. A propos de «La production de l'idéologie dominante»*, Paris, Ed. Demopolis, 2008, p. 73.

considerávamos nos anos 1970 ou 1980 e que, sobretudo, a posição dos membros dos grupos dirigentes não está mais assegurada como no passado. As elites e sua legitimidade são questionadas incessantemente, com maior ou menor vigor segundo o momento⁶.

A mundialização da economia, a constituição progressiva da União Europeia, a privatização de várias grandes empresas, o aumento do poder dos acionários, a descentralização dos poderes em favor das regiões, a multiplicação das comissões e dos comitês de *experts*, que detêm poderes cada vez mais importantes, a transformação do papel e das funções do Estado, a realização de reformas de liberalização econômica, a emergência de novos modos de ação coletiva e, recentemente, a grave crise financeira, econômica e social não são estranhas a estas transformações e às recomposições que estão surgindo. Em um mundo incerto, há alguns anos observa-se na França um crescimento relativo do poder dos *experts*, ou dos consultores, dos jornalistas e dos meios de comunicação – que aliás pode ser questionado, como foi o caso recente das agências de classificação financeira –, uma diminuição importante do poder dos parlamentares eleitos, deputados e senadores e uma perda, senão de poder, pelo menos de crédito dos altos funcionários da administração, dos diplomatas, por exemplo, mas também dos membros dos *grands corps*⁷, Inspeção de Finanças, Conselho de Estado, Tribunal de Contas (ao passo que, até pouco tempo atrás, pareciam quase intocáveis).

Desde o final de 1995⁸ e, especialmente após o desencadeamento da crise atual, as elites são com maior frequência diretamente assinaladas,

⁶ Cf. C. Charle, «Légitimités en péril. Eléments pour une histoire comparée des élites et de l'État en France et en Europe occidentale (19^e-20^e siècle)», *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 116-117, março 1997, pp. 39-52.

⁷ Os *grands corps* são constituídos por serviços de alto escalão administrativo e centrais do Estado, com elevado grau de unidade e prestígio. Pode-se distinguir os *grands corps* técnicos, recrutados sobretudo pela Ecole Polytechnique, dos *grands corps* administrativos, majoritariamente compostos por ex-alunos da Ecole Nationale d'Administration (ENA). (N. T.).

⁸ As greves e manifestações de dezembro de 1995 pela defesa da Previdência Social, do serviço público, das aposentadorias e contra o plano Juppé de reforma da Previdência Social não foram organizadas contra as elites, mas todos os observadores sublinharam que a distância entre as elites e o «país real» era grande. A denúncia das elites tornou-se, então, um dos temas obrigatórios do discurso político. Para uma análise desses movimentos e esse humor antielites que apareceram muito antes de dezembro de 1995, mas que se desenvolveram naquele momento, cf. Jacques Julliard, *La faute aux élites*, Paris, Gallimard, 1997.

em particular na imprensa, na televisão, nos debates, apontadas como responsáveis nos «casos», escândalos, reestruturações de empresas, fusões seguidas de demissões e falências. As elites políticas estão entre as mais vulneráveis; «às portas do ano 2000, a função política tornou-se o alvo das críticas», notava Marc Abélès na introdução de sua obra sobre a Assembleia nacional⁹. No entanto, em 2008, os grandes chefes da indústria e do comércio, e ainda mais os banqueiros, que há alguns anos descobriam que sua posição, às vezes, não estava mais garantida como no passado, tornaram-se objeto de denúncias e de críticas muito fortes; vilipendiados numa frequência cada vez maior, desde então são chamados a prestar contas publicamente, fato do qual a maior parte deles reclama. Muitos dirigentes de grandes empresas, de bancos, de companhias de seguro, homens políticos e altos funcionários foram objeto de denúncias, acusações, investigações; as remunerações frequentemente enormes e exageradas, os famosos «paraquedas dourados»¹⁰ (*golden parachutes*), que são as indenizações geralmente colossais (chegando às vezes a milhões de euros) pagas como complemento a indenizações legais em caso de tomada de bens após demissões, reestruturação ou fusão com alguma outra empresa ou mesmo em caso de demissão programada do interessado, inclusive aqueles que fracassaram, são questionadas e denunciadas. Muitos desses «paraquedas dourados» suscitaram enorme indignação e criaram escândalo, tornando-se insuportável sua continuação. Quanto a seus quadros, de quem a empresa esperava devoção e solidariedade, cada vez mais dão a sensação, observa François Dupuy, de não mais acreditar, deixam de investir no mundo do trabalho, saem do jogo e muitas vezes desenvolvem estratégias de resistência passiva¹¹. Alguns

⁹ Marc Abélès, *Un ethnologue à l'Assemblée*, Paris, Editions Odile Jacob, 2000.

¹⁰ Na Europa, a França era, em 2007, o país em que os empresários dispunham das indenizações mais elevadas. Segundo estudo publicado pelo jornal *La Tribune*, em 12 de junho de 2007, realizado junto a 350 empresas, os empresários franceses recebem "o dobro do total de seu salário de base e de seu bônus anual" sob forma de indenizações por demissão, enquanto que apenas a metade dos dirigentes americanos se beneficiam de um tal nível de pacote de demissão.

¹¹ François Dupuy, *La fatigue des élites. Le capitalisme et ses cadres*, Paris, Ed. du Seuil, 2005.

levam os conflitos com os patrões aos tribunais e, de modo geral, as relações entre funcionários e empregadores tornaram-se tensas durante os últimos 25 anos¹².

Se os efeitos da crise econômica e financeira recente sobre o mundo das elites ainda não produziram estudos sociológicos aprofundados, e se as diferentes transformações ou recomposições constituem um campo de pesquisas ainda insuficientemente explorado, é possível observar-se, no entanto, após longo período de estagnação marcado por um baixo interesse por pesquisas sobre elites e grupos dirigentes, um desenvolvimento de pesquisas sobre estes grupos dentro da sociologia, antropologia, história e da ciência política. Sem querer apresentar um panorama completo e exaustivo dos estudos realizados nem tampouco expor as diferentes abordagens ou diferentes correntes sociológicas que se interessam atualmente pelas elites, gostaríamos pelo menos de assinalar algumas das questões e das respostas, e também das análises, que foram desenvolvidas sobre o tema principalmente em pesquisas sociológicas concentradas nas elites políticas, administrativas e econômicas no período dos anos 1970-2000, o que não exclui referências a anos anteriores ou mais recentes.

Embora importante, não dedicaremos muito tempo à questão da diferente utilização que vários sociólogos fazem dos termos: elite, categoria dirigente, categoria favorecida, grupo dirigente, classe dirigente, classe dominante¹³. Na verdade, são numerosas as noções a que recorrem na

¹² Mais numerosos, os conflitos envolvendo empregados são também mais complicados, segundo pesquisa realizada por pesquisadores e tornada pública em 17 de novembro de 2008 pelo sindicato *Force Ouvrière-cadres*. Cf. Bertrand Bissuel, «Les cadres font de plus en plus appel aux prudhommes», *Le Monde*, 19 de novembro de 2008, p. 15.

¹³ Se destacamos o fato de que esses grupos preocupam-se sobretudo com a manutenção, ou mesmo com a reprodução, de seus recursos e de seus privilégios, bem como da ordem social, falaremos mais propriamente de grupo dominante. Ao falar de grupo dirigente, o destaque recai sobre o fato de que esses grupos participam da produção da sociedade e de sua modernização (cf. Michel Bauer, «La gauche au pouvoir et le grand patronat: sous les pavés... de mouvements de classe dirigeante», in: Pierre Birnbaum, *Les élites socialistes au pouvoir*, Paris, PUF, 1985, p. 265). Nos dois casos, esses grupos sempre devem administrar a tensão dominação/direção e se inscrevem na dupla dialética das relações de classe (dominante/dirigente vs defensivo/contestador). Cf. Alain Touraine, *La production de la société*, Paris, Seuil, 1976. Para dar conta destas tensões, talvez fosse conveniente falar de grupo dominante/dirigente.

França os sociólogos a fim de descrever e analisar os grupos sociais e os atores que ocupam as posições mais elevadas na hierarquia social. Deve-se notar, no entanto, que ao final do século 20 e início do século 21, a noção de elites é, sem dúvida, a que mais foi utilizada nas pesquisas em ciências sociais, embora objeto de numerosas críticas; ela frequentemente serviu de alternativa aos conceitos utilizados nos anos 1960, 1970 ou 1980 de classe dirigente, classe dominante ou mesmo de categoria dirigente ou de categoria dominante.

Em seu uso científico, para a maioria dos pesquisadores, «elites» designa «todos aqueles que se encontram no topo da hierarquia social e aí exercem funções importantes, as quais são valorizadas e reconhecidas publicamente através de rendas importantes, diferentes formas de privilégio, de prestígio e de outras vantagens oficiais ou oficiosas», como o explica Giovanni Busino¹⁴; pode-se acrescentar, para ser mais preciso, que as elites ocupam as posições de poder político, administrativo, econômico, militar, cultural, religioso. É necessário acrescentar, como sublinha Christophe Charle, que «por definição, não se faz parte das elites ‘em si’, deve-se fazer parte delas para os outros»¹⁵.

Essas elites têm frequentemente contornos vagos e mal definidos. A questão mais importante para o sociólogo não é, aliás, traçar as fronteiras, interrogar-se sobre quem incluir ou quem excluir nas pesquisas sobre os diferentes grupos dirigentes ou de enumerar as elites econômicas, administrativas ou políticas¹⁶ em tal ou qual país. As elites não consistem unicamente na soma do conjunto dos grupos ou dos atores que ocupam posições dominantes nos domínios político, econômico e administrativo e não são apenas uma categoria da estratificação social; elas

¹⁴ Giovanni Busino, *Elites et élitisme*, Paris, PUF, 1992, p. 117 (Collection Que sais-je?). Cabe notar também que a maioria dos sociólogos não considera que exista uma elite unificada, coerente e consciente, que dominaria o conjunto do sistema social. Ver também Jacques Coenen-Huther, *Sociologie des élites*, Paris, A. Colin, 2004.

¹⁵ C. Charle, *Les élites de la République, 1880-1900*, Fayard, 1987, p.12.

¹⁶ O sociólogo estuda as diferentes definições em questão, assim como os conflitos em torno dessas definições, as lutas pelo reconhecimento como dirigentes ou patrões, por exemplo, ou, às vezes, ao contrário, para não ser considerado como parte das elites ou detentor do poder.

propõem modelos de comportamento, possuem sistemas de valores e interesses, constituem grupos de influência e, à vezes, de pressão.

O uso da noção de elites não significa adesão à teoria das elites (Pareto, Michels, Mosca, etc.) que se constituía em oposição ao marxismo e que nega a diferença entre os regimes democráticos modernos e os regimes aristocráticos do passado. Ela sugere, pelo menos quando a noção é utilizada no plural, que a sociedade em que estas elites se inserem é diversificada e que o regime político é pluralista, por oposição a um conjunto social que seria relativamente homogêneo (notadamente no caso de uma ditadura).

Entre as questões abordadas nas pesquisas sobre as elites, aquelas sobre seleção, constituição, formação, mobilidade crescente e reprodução das elites têm atraído a atenção de muitos pesquisadores. Porém, os estudiosos também têm se interessado, e de modo crescente, pelas relações que unem ou que às vezes opõem, através de conflitos ou de lutas, os diferentes grupos dominantes, assim como pelas relações que as elites têm com outros grupos sociais e pelos modos de ação e de decisão, ou de deliberação. Da mesma forma, as transformações em curso, as recomposições, reconversões e a internacionalização crescente são temas que apresentam questões e suscitam pesquisas.

CONSTITUIÇÃO, FORMAÇÃO E REPRODUÇÃO DAS ELITES

Sem dúvida, esta foi a área mais estudada nos anos 1970-2000. Os estudos na área de história, sociologia e ciência política são numerosos, porém mais raros em antropologia, e se interessam a um ou outro dos grupos dirigentes. As tentativas de síntese ou de estudo exaustivo das diferentes elites são um tanto raros¹⁷. Trata-se, sobretudo, de pesquisas

¹⁷ Veja-se, no entanto, Pierre Birnbaum, *Les sommets de l'Etat. Essai sur l'élite du poder en France*, Paris, Editions du Seuil, 1977; Pierre Birnbaum, Charles Barucq, Michel Bellaiche, Alain Marié, *La classe dirigeante française. Dissociation. Interpénétration. Intégration*, Paris, PUF, 1978; e, com uma perspectiva comparativa, uma coletânea de estudos realizados em diversos países europeus, Ezra Suleiman et Henri Mendras dir., *Le recrutement des élites en Europe*, Paris, La Découverte, 1995, 265 p.

sobre a origem social, formação escolar, universitária, sobre trajetórias sociais e as carreiras profissionais de membros dos diferentes grupos dirigentes; mais raramente, sobre os discursos produzidos; são particularmente numerosas as pesquisas sobre as elites políticas. Entre as questões colocadas, correndo o risco de simplificação, destacam-se as seguintes: como alguém se torna deputado, senador, membro de gabinete ministerial, ministro na França ou na Europa, diretor-presidente (PDG¹⁸), alto funcionário, banqueiro? Quais são os modos de seleção dessas elites (hereditariedade, antiguidade, cooptação, eleição, concurso)? Quais estudos fizeram os membros desses diferentes grupos? Mulheres e homens compartilham o poder? Onde vivem, em quais bairros e onde exercem suas profissões? Quais são seus modos de vida, seus lazeres, seu consumo? Qual a importância das redes de solidariedade, dos clubes e de outras formas de associação, sem esquecer os «lugares neutros» destacados por Luc Boltanski e Pierre Bourdieu¹⁹? Como se dão as trocas entre os membros das diferentes elites? Quais posições eles ocupam? (diversas posições simultaneamente em universos diferentes e a títulos diferentes ou uma posição principal e posições anexas ao mesmo tempo)²⁰. Sobre qual princípio as diferentes elites fundam sua legitimidade?

As diferentes pesquisas, conduzidas tanto pelos historiadores das elites do final do século 19 e início do século 20²¹ quanto por sociólogos, evidenciam o fato de que uma origem social elevada, a antiguidade do pertencimento à burguesia e a passagem por uma *grande école* facilitam amplamente o acesso aos grupos dirigentes (com especificidades para cada grupo: os PDG e os banqueiros são frequentemente, eles próprios,

¹⁸ Président Directeur Général.

¹⁹ Pierre Bourdieu e Luc Boltanski, «La production de l'idéologie dominante», *Actes de la recherche en sciences sociales*, 2-3, 1976. Reeditado em forma de obra com o mesmo título, Paris, Ed. Demopolis, 2008.

²⁰ Sobre a multiposicionalidade dos professores de Sciences Po, cf. Luc Boltanski, «L'espace positionnel. Multipositionnalité des positions institutionnelles et habitus de classe», *Revue française de sociologie*, XIV, 1, 1973, p. 3-26.

²¹ Christophe Charle, *Les élites de la République 1880-1900*, Paris, Fayard, 1987 (Collection L'espace du politique). Christophe Charle, «Légitimités en péril. Eléments pour une histoire comparée des élites et de l'Etat en France et en Europe occidentale (XIX^e-XX^e siècles)», *Actes de la recherche en sciences sociales*, 116-117, março-abril 1997, pp. 39-52.

filhos de proprietários de indústria e do comércio, os altos funcionários, em geral, filhos de funcionários ou de membros das profissões liberais), havendo exceções (alguns PDG são filhos de professores ou oriundos de frações assalariadas das classes médias, alguns altos funcionários são filhos de proprietários de empresa)²². Na França, a seleção opera-se muito cedo e por toda a vida, diferentemente da Alemanha, por exemplo, onde, como o analisa Hervé Joly, os diretores-presidente em geral começaram sua vida profissional por baixo e progrediram na empresa²³.

O peso da passagem pelas *grandes écoles* (Ecole nationale d'administration, Ecole Polytechnique, Ecole normale supérieure, Ecole des hautes études commerciales, Ecole centrale, etc.), às quais apenas uma pequena minoria de estudantes tem acesso, é igualmente sublinhado; ele é decisivo na França. O modelo francês das *grandes écoles*, baseado no ingresso via concurso, pretende-se meritocrático. No entanto, a legitimação escolar, o diploma de *grande école*, não exclui uma origem social elevada. Os diretores-presidente das grandes empresas, os altos funcionários e, em menor medida, os homens políticos, frequentemente acumulam diferentes tipos de recursos (ou diferentes trunfos, para retomar a expressão de Michel Bauer e Bénédicte Bertin-Mourot, que sublinham aquilo que chamam de «tirania do diploma inicial»²⁴). Entre as elites políticas, em sentido amplo, a diferença é bastante grande entre os membros dos gabinetes ministeriais que passaram, em sua maioria, pelas *grandes écoles*, com frequência são membros dos *grands corps* e reúnem diferentes tipos de recursos, e os deputados, cujo recrutamento e formação são mais diversificados²⁵.

²² Sobre os processos de seleção dos PDG das grandes empresas, cf. Pierre Bourdieu e Monique de Saint Martin, «Le patronat», *Actes de la recherche en sciences sociales*, 20-21, 1978, para os PDG dos anos 1952-1972; para o período mais recente, Michel Bauer e Bénédicte Bertin-Mourot, *Radiographie des grands patrons français. Les conditions d'accès au pouvoir*, Paris, Editions L'Harmattan, 1997.

²³ Hervé Joly, *Patrons d'Allemagne. Sociologie d'une élite industrielle 1933-1989*, Paris, Presses de la Fondation nationale des sciences politiques, 1996.

²⁴ Michel Bauer e Bénédicte Bertin-Mourot, *Radiographie des grands patrons français. Les conditions d'accès au pouvoir*, *op. cit.* Michel Bauer e Bénédicte Bertin-Mourot distinguem, entre os dirigentes de empresas, os detentores de trunfo-capital, os detentores de trunfo-Estado e os detentores de trunfo-carreira.

²⁵ Michel Offerlé (dir.), *La profession politique, XIX^e-XX^e siècles*, Paris, Belin, 1999.

Não se pode compreender o modo de funcionamento das elites, a distribuição do poder e as lutas pelas posições de poder sem levar em conta o peso da formação, as instituições de socialização e a concorrência em que estão envolvidos as *grandes écoles* e seus ex-alunos, bem como os *grands corps*. Estudar os sistemas de ensino secundário e superior e as relações das escolas ou universidades com o Estado surge como ponto de partida indispensável a um estudo sociológico das elites. A socialização e a formação dos membros das futuras elites dependem estreitamente das instituições educativas (escolas de elite, privadas ou públicas, grandes liceus, *grandes écoles*, etc.) que favorecem a estruturação dos grupos, a constituição de redes e a aprendizagem de modos de gestão das relações e do exercício da autoridade. A pesquisa sobre as *grandes écoles* - científicas, administrativas ou de gestão -, realizada por Pierre Bourdieu e por um grupo de pesquisadores ao final dos anos 1960 e início dos anos 1970, permitiu explicar e compreender como se instituem fronteiras sociais entre alunos das *grandes écoles* e alunos das universidades e, também, entre estudantes de diferentes escolas, mais ou menos importantes, mais ou menos próximas do pólo intelectual ou do pólo econômico, fronteiras que exercem efeitos em suas vidas como um todo. Baseando-se em uma vasta investigação, foi demonstrado como o sistema de ensino superior produz e consagra identidades e grupos sociais concorrentes e complementares (se é ex-aluno da Polytechnique ou da Ecole des hautes études commerciales ou do Institut national agronomique por toda a vida) e, sobretudo, uma «nobreza de estado»²⁶.

Essas teses da «nobreza de estado» e da reprodução tornaram-se tão estabelecidas nos anos 1970 e 1980 a ponto de ambas serem consideradas imutáveis, o que tornava qualquer atualização quase inútil na ausência de mudança possível, observa Hervé Joly na introdução a um estudo recente de dois modelos de formação de elites na França e na Alemanha.

²⁶ Pierre Bourdieu, Monique de Saint Martin, «Agrégation et ségrégation. Le champ des grandes écoles et le champ du pouvoir», *Actes de la recherche en sciences sociales*, 69, setembro 1987, pp. 2-50. Pierre Bourdieu, *La noblesse d'état. Grandes écoles et esprit de corps*, Paris, Minuit, 1989.

E esse predomínio aparentemente não favoreceu, segundo ele, a emergência ou a recepção de outras pesquisas sobre a formação das elites²⁷.

Entretanto, este sistema das *grandes écoles* não se reproduz de forma idêntica. Assistimos, com efeito, a uma ascensão significativa de escolas e outras instituições de formação em administração²⁸, como a universidade Paris-Dauphine, que talvez ainda não formem uma parte importante dos diretores-presidente, mas pelo menos uma parte crescente dos dirigentes de empresas, assim como à constituição de redes internacionais de escolas, a uma valorização de todas as formações no modelo «internacional» e, há pouco tempo, a uma diminuição da atração exercida pela *Ecole nationale d'administration*.

A entrada relativamente recente das mulheres nas *grandes écoles* (1972 na *Ecole Polytechnique*), onde ainda são amplamente minoritárias (24,5% de mulheres nas 236 escolas de engenharia francesas em 2002²⁹), à exceção de alguns escolas de gestão, até então não encontrou repercussões importantes ao nível da divisão dos cargos de poder político e econômico, sobretudo. Neste ponto combinam-se autoeliminação, seleção, exclusão, dominação masculina e quase monopólio masculino das esferas socialmente mais valorizadas. Na França, a exclusão das mulheres é particularmente visível na alta administração, nas grandes empresas ou nos cargos de poder político³⁰; as elites econômicas, administrativas e políticas contam com uma parte preponderante de homens. Na França, não há mulheres entre os diretores-presidente das maiores empresas (3% entre os PDG ou presidentes de diretorias das 500 primeiras empresas francesas em 2008, 12,5 % de mulheres no seio dos estados-maiores das mes-

²⁷ Hervé Joly, dir., *Formation des élites en France et en Allemagne*, CIRAC-Université de Cergy-Pontoise, 2005, p. 11.

²⁸ A ascensão dessas escolas chamou a atenção de diversos pesquisadores. Cf. notadamente o número da revista *Entreprises et histoire*, dedicada ao tema «Former les managers» 14, 1997.

²⁹ Catherine Marry, *Les femmes ingénieurs. Une révolution respectueuse*, Paris, Belin, 2004.

³⁰ Sobre as mulheres na política, cf. Janine Mossuz-Laveau, Mariette Sineau, *Enquête sur les femmes et la politique en France*, Paris, PUF, 1983. Armelle Le Bras-Chopard, Janine Mossuz-Lavau dir., *Les femmes et la politique*, Paris, L'Harmattan, 1997.

mas empresas), nem entre os membros dos *grands corps* da alta função pública; elas eram muito poucas nos lugares de decisão políticas, entre os deputados (10,9% em 1997 e 6% em 1993, ou seja, número apenas superior ao do ano de 1946, quando representavam 5,7%). Contudo, as probabilidades de acesso às posições do poder universitário, econômico, administrativo e político tornam-se maiores para as mulheres, embora de modo desigual segundo os lugares ou mercados, de acordo com os recursos de que dispõem e, sobretudo, com a composição desses recursos, com as redes de inserção e as disposições, e também em função das políticas estabelecidas. Começa-se a estudar os efeitos da recente lei sobre a paridade homens/mulheres nas assembleias eleitas. Num primeiro momento, com base nas primeiras análises feitas sobre as eleições municipais de 2001, parece que elas acedem muito mais facilmente a funções de adjuntas do que de prefeitas. No entanto, o acesso das mulheres a novas posições, por mais reduzido que seja na atualidade, poderia contribuir a uma modificação sensível nas regras do jogo e da concorrência pelo poder.

O mundo da formação das elites, o das *grandes écoles* em particular, por muito tempo seguro de se reproduzir sem ter de conceder mudanças importantes, é cada vez mais perpassado por incertezas. Construídas sobre um modelo que vem perdendo vigor, não dispondo nem de peso crítico nem de visibilidade internacional suficientes em um mundo do ensino superior em recomposição, não podendo mais apoiar-se apenas no reconhecimento do Estado, as *grandes écoles* francesas encontram-se em situação instável no contexto internacional, questionadas e submetidas a pressões às vezes contraditórias. Deve-se reconhecer-lhe esforços de adaptação e de modernização, os quais não implicam, no entanto, uma transformação realmente importante, as mudanças sendo com frequência apenas de fachada, concessões, em resposta aos críticos, trazendo não mais do que progressos sutis; de modo algum as *grandes écoles* preparam seus alunos melhor do que antes a um mundo incerto ou aos riscos. As mudanças introduzidas não deveriam ser sobre-estimadas e pode ser útil lembrar que, a despeito de todos esforços e declarações, as classes preparatórias recebem uma parte mínima (cerca de 5%) dos alunos que concluem o

ensino médio (*bacheliers*)³¹. As chamadas experiências de «abertura social» no interior das classes preparatórias às *grandes écoles* ou nas próprias *grandes écoles* atingem somente um número muito pequeno de estudantes. Elas não deixam de ter efeitos importantes não apenas para os novos alunos que entram nas *grandes écoles*, mas também para as representações e para o reposicionamento das *grandes écoles*; essas experiências devem ser levadas em consideração, assim como as proposições dos atores, evitando-se, assim, uma sociologia da desconfiança. Quando a análise é conduzida por esse viés, o balanço de tais experiências é frequentemente decepcionante. Assim, os tutores dos programas de abertura social das *grandes écoles* e das classes preparatórias conseguem criar processos de identificação e emulação entre os alunos dos meios populares; contudo, notam Annabelle Allouch e Agnès Van Zanten com base em uma pesquisa junto aos tutores do programa da Ecole Supérieure des Sciences Economiques et Commerciales e da classe preparatória aos estudos superiores criada pelo liceu Henri IV, «a linha divisória entre emulação e desprezo permanece frágil no interior de um modo de socialização que se apoia amplamente sobre a dominação social»; os tutores adotam «posturas fortemente assimilacionistas, deixando pouco espaço à possibilidade de construção pessoal aos alunos do liceu»³².

Embora afetada, mas bastante forte até o momento, a coesão das elites administrativas, econômicas e políticas manifesta-se no recrutamento e nos modos de seleção, bem como nos modos de vida e nas escolhas de residência. São fortes a interpenetração e a imbricação dos dirigentes. Com frequência recrutados nas mesmas *grandes écoles*, com passagem pelos *grands corps*, residem nos «bairros nobres» (*beaux quartiers*), geralmente encontram-se entre eles próprios tanto na vida pública quan-

³¹ Christian Baudelot et al., «Evolutions historique, géographique, sociologique des CPGE depuis 25 ans», comunicação no colóquio *Démocratie, classes préparatoires et grandes écoles*, Paris, Ecole normale supérieure, 2003.

³² Annabelle Allouch, Agnès Van Zanten, «Formateurs ou 'grands frères'? Les tuteurs des programmes d'ouverture sociale des grandes écoles et des classes préparatoires», *Education et sociétés*, 21, 1, 2008.

to na vida privada e, sobretudo, ocupam frequentemente ao mesmo tempo posições dominantes em diferentes setores (econômico, político, administrativo, cultural). É exemplar³³ o caso dos inspetores de finanças (*inspecteurs des finances*) que, depois de sair da Ecole nationale d'administration (ENA), exercem suas funções de fiscal por tempo bastante curto e, logo após, entram como conselheiro em um gabinete ministerial e *pantouflet*³⁴, em seguida, para uma grande empresa privada ou um banco, onde rapidamente têm acesso às posições mais altas.

Como o analisam Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, ter um «bom endereço» é importante dentro dos grupos dirigentes, de preferência nos «bairros nobres», que em Paris são o 7º, 8º e 16º distritos, ou Neuilly-sur-Seine; as classes privilegiadas com muita frequência vivem nesses endereços. Contudo, nem todas as diferentes elites residem nos mesmos bairros; os altos funcionários, em particular os Inspetores de Finanças, são relativamente numerosos no 7º e no 16º distritos, enquanto que os PDG e os donos de indústrias residem geralmente no 16º ou em Neuilly-sur-Seine. «De modo desigual segundo os *corps*, as escolhas residenciais traduzem a recusa à *banlieue* e a atração pelos bairros nobres parisienses»³⁵, e a segregação espacial é pronunciada. Não faltam ocasiões aos membros das elites ou do *establishment* para se encontrar: recepções, vernissages, coquetéis, noites de eleições e recepções dos votos de Ano Novo tornam-se rotina para os homens e mulheres no poder. «À diferença das elites americanas, muito compartimentadas, onde até se desconhece o nome de seu homólogo de outro setor ou outra região», as elites francesas, nota Ezra Suleiman, «se conhecem entre elas, pelo me-

³³ Ver por exemplo Nathalie Carré de Malberg, «Le recrutement des inspecteurs des Finances de 1892 à 1946», *Vingtième siècle*, 1985, p. 67-91; Christophe Charle, «Le pantouflage en France (1880-1980)», *Annales. Economies, sociétés, civilisations*, 5, 1987, p. 1115-1137; Michel Bauer, Bénédicte Bertin-Mouroit, *Les énarques en entreprises de 1960 à 1990: trente ans de pantouflage*, tome 1, *L'ENA est-elle une business-school?*, tome 2, *Les énarques en entreprises*, Paris, CNRS-Boyden, 1994.

³⁴ O termo *pantouflage*, do qual deriva o verbo *pantoufler*, não tem correspondente direto em português. Refere-se à passagem de funcionários do alto escalão do setor público para postos de alto comando em empresas privadas. (N. T.).

³⁵ Michel Pinçon, Monique Pinçon-Charlot, *Dans les beaux quartiers*, Paris, Editions du Seuil, 1989, p. 30.

nos por reputação. Os principais atores do mundo político-administrativo na França se conhecem geralmente bem»³⁶. No entanto, as redes constituídas pelos membros dos grupos dirigentes até o momento têm dado mais lugar a ensaios do que a pesquisas aprofundadas.

Os diferentes grupos de elites acionam estratégias de reprodução diferentes através das quais procuram manter, ou melhor, melhorar, sua posição e a de seus filhos na estrutura social (estratégias de fecundidade, estratégias educativas, matrimoniais, de sucessão - estas últimas sendo as menos estudadas, apesar de fundamentais); essas estratégias nunca são completamente fechadas e orientadas a um único fim³⁷. Existem verdadeiras dinastias de várias gerações de homens de negócios, de donos de indústrias e de banqueiros, mas também de altos funcionários e, em menor medida, de homens políticos, e em nossos dias novas dinastias se constituem. Essas dinastias se caracterizam pelo acúmulo das diferentes espécies de capitais: capital econômico, escolar, cultural, social, poder simbólico³⁸. Não poderíamos nos limitar ao estudo da composição econômica das fortunas para compreender sua constituição, sua manutenção, sua transmissão ou seu crescimento. Há a pluridimensionalidade da riqueza nos grupos que ocupam as posições dominantes e as famílias mais ricas se caracterizam por uma «obsessão pela transmissão»; eles gerem com vigilância a educação, as alianças matrimoniais dos filhos, os espaços de residência e de encontro, as relações. Para as grandes famílias da aristocracia e da grande burguesia, a duração no tempo é fundamental. Para se entrar no estreito círculo das elites é necessário aquilo que não se pode adquirir, o tempo. Robert Castel propôs o conceito de desafiliação em suas análises sobre a desagregação e a crise da sociedade

³⁶ Ezra N. Suleiman, *Les ressorts cachés de la réussite française*, Paris, Editions du Seuil, 1995.

³⁷ Para uma crítica à noção de estratégia, cf. Alain Dewerpe, «La 'stratégie' chez Pierre Bourdieu. Notes de lecture», *Enquête*, 3, 1996, 191-208. Para um estudo de casos de sucessão no grandes grupos industriais, cf. Michel Bauer e Bénédicte Bertin-Mouro, *Les «200», comment devient-on un grand patron?* Paris, Editions du Seuil, 1987.

³⁸ Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, *Grandes fortunes. Dynasties familiales et formes de richesse en France*, Payot, 1996; Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, *Nouveaux patrons, nouvelles dynasties*, Paris, Calmann-Lévy, 1999.

salarial³⁹. Por sua vez, Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot analisam a «sobrefiliação» dos dominantes; os bens são garantias dos laços e os laços garantem a permanência e a transmissão dos bens.

O patrimônio econômico e o sistema de alianças e de relações são em grande medida internacionais e o cosmopolitismo constitui uma das características da grande aristocracia e da grande burguesia. O poder se constrói e se gere no dia-a-dia; o modo de vida de grande burguês é atravessado por um coletivismo cosmopolita ou, mais corretamente, por uma gestão internacional e coletiva dos interesses de classe presente nas mais anódinas das práticas (por exemplo, a compra de um relógio Cartier como presente de 18 anos, ou de um tailleur Chanel). É possível, no entanto, que este conjunto de famílias da grande burguesia e da aristocracia parisienses constitua um grupo menos homogêneo e menos integrado do que permitem supor as análises de Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot. Em função do patrimônio econômico, mais ou menos importante na estrutura do capital, ou do capital cultural, trabalhado de forma mais ou menos intensa, estas famílias sem dúvida se distinguem entre elas e, às vezes, podem até mesmo se opor.

Se as *grandes écoles*, os *grands corps* e o sistema de carreiras, em especial com a frequente passagem das elites da alta administração para o mundo das empresas, contribuem para manter o processo de unificação das elites, não seria justificado concluir, no entanto, por uma unidade das elites⁴⁰. De fato, as pesquisas fazem ver que também existem tendências à institucionalização de cada grupo dirigente, o que assegura a cada um sua autonomia em relação aos outros grupos.

Tais pesquisas estudam sobretudo o modo de produção dos grupos dirigentes, assim como o modo de fabricação de sua autoridade legítima,

³⁹ Robert Castel, *Les métamorphoses de la question sociale. Une chronique du salariat*, Paris, Fayard, 1995.

⁴⁰ Pierre Rosanvallon sugere que haveria uma unificação das elites na sociedade francesa resultante da decomposição social dos corpos intermediários, da destruturação dos meios intermediários, que são o sindicalismo e suas diferentes variantes e os movimentos da juventude, e do desaparecimento das elites especializadas. Cf. Pierre Rosanvallon, «Les élites françaises, la démocratie et l'Etat», *Esprit*, out. 1997.

o que não está desvinculado de sua capacidade de estabelecer relações com os outros grupos, de administrar a mudança e de comandar. Se o foco é colocado na composição, formação, produção e reprodução das elites, que têm sido bem analisadas, os estudos não perdem de vista, no entanto, que «o poder não existe realmente» senão quando mobilizado em uma relação, e quando «se concretiza em um peso exercido sobre outrem»⁴¹.

RELAÇÕES DE PODER E MODOS DE AÇÃO DAS ELITES

O estudo das relações de poder, cuja necessidade é claramente sentida e que está no centro das preocupações e das interrogações, é frequentemente mais anunciado do que verdadeiramente realizado. «O poder não é um amuleto que um possui e outro não. O poder é uma particularidade estrutural das relações humanas, de todas as relações humanas», escreve Norbert Elias⁴². Uma das questões que se colocam ao sociólogo é saber como se constituem as relações de poder entre diferentes atores que detêm mais ou menos recursos sociais, econômicos, culturais, simbólicos - atores que não detêm, todos eles, o mesmo volume de recursos, nem tampouco a mesma composição de recursos, e não têm as mesmas possibilidades de ação; a questão é também saber como se constituem as relações de poder e de concorrência entre diferentes grupos de elites pela tomada de uma decisão ou o controle de uma posição importante (por exemplo, entre diferentes grupos de homens políticos na Câmara dos deputados, ou entre membros de gabinetes ministeriais próximos aos ministros e diretores de ministérios, burocratas, ou ainda entre diplomatas e Inspectores de Finanças, em torno da construção da União Européia, por exemplo) e como se estabelecem as relações que um grupo mantém com os outros grupos.

As divergências e as lutas entre os diferentes grupos dirigentes decorrem, em parte, da distribuição desigual dos poderes e dos recursos. Tais

⁴¹ Jean-Luc Bodiguel, Marie-Christine Kessler, «Les directeurs d'administration centrale», in P. Birnbaum, *Les élites socialistes au pouvoir 1981-1985*, op. cit., 211.

⁴² Norbert Elias, *Qu'est-ce que la sociologie?*, Paris, Pocket (1^a ed. 1970), coleção Agora.

podem ser as lutas para fazer reconhecer como legítimos os recursos ou as espécies de capitais de que dispõem os membros dos diferentes grupos dirigentes. Os universitários, ou pelo menos uma fração dos universitários, podem, por exemplo, tentar fazer ser reconhecida pelos outros grupos a importância dos estudos, dos diplomas e do capital cultural como princípio de legitimação, como fundamento do poder e como forma de desacreditar o capital econômico. Os diretores-presidente, banqueiros e empresários procuram esta legitimação cultural ou universitária cada vez com maior frequência, com operações de mecenato, por exemplo, e não se contentam com a legitimação através dos resultados econômicos e dos lucros alcançados, ainda que, de fato, a legitimidade econômica seja progressivamente afirmada e reconhecida. Pierre Bourdieu deu destaque a estas lutas no interior de cada campo ao analisar o poder econômico, o poder religioso, o poder universitário, o poder simbólico, o poder intelectual e o campo do poder. «O campo do poder é um campo de forças definido em sua estrutura pelo estado da relação de força entre formas de poder ou espécies de capital diferentes. Ele também é inseparavelmente um campo de lutas pelo poder entre detentores de poderes diferentes, um espaço de jogo onde agentes e instituições, que têm em comum o fato de possuir uma quantidade de capital específica (econômico ou cultural, notadamente) suficiente para ocupar posições dominantes no seio de seus respectivos campos, enfrentam-se com estratégias destinadas a conservar ou a transformar essa relação de força»⁴³. Essas lutas e esses conflitos, anteriormente abafados, frequentemente latentes e mascarados, eclodem e vêm à tona com frequência crescente, tornam-se midiáticos e mediatizados. Os meios utilizados nessa lutas podem ser legais ou ilegais: favorecimentos, corrupção, descrédito, denegrimento, etc. e podem variar segundo os grupos e as conjunturas. Entretanto, estas lutas e estes conflitos não excluem certas formas de solidariedade ou alianças.

No campo do poder, os agentes que se enfrentam são especialmente os PDG e os dirigentes das grandes empresas, os homens políticos, os

⁴³ Pierre Bourdieu, *La noblesse d'état*, *op. cit.*

altos funcionários e os membros dos *grands corps*, mas também os universitários. Nas análises sobre o campo do poder, a atenção é posta, em primeiro lugar, sobre o funcionamento das estruturas e dos campos. Pelo fato de pesquisar as homologias entre os diferentes campos, o campo das *grandes écoles*, o campo do poder, o campo político, o campo econômico, etc., com frequência resta pouco espaço ao estudo das transformações, das mudanças, dos fenômenos de desestruturação ou de decomposição. O campo do poder, tal como o apresenta e analisa Pierre Bourdieu, constitui um sistema relativamente fechado e estático, onde diferentes subsistemas se imbricam e o qual parece jamais poder se decompor; no entanto, não se pode afirmar com segurança que tenha havido na sociedade francesa, em todos momentos, um campo do poder autônomo ou um campo político autônomo. A autonomia e a separação dos poderes não ocorreram de uma vez por todas; os conflitos entre grupos dirigentes seguidamente dizem respeito às atribuições e às respectivas competências de uns e de outros.

Como o poder é exercido, como são as tomadas de decisões, quais são os modos de ação dos dirigentes? Após haver criticado diversas ilusões, a do «único decisor», do «momento chave da decisão», de uma racionalidade excessivamente forte atribuída aos atores, os pesquisadores preocupam-se em responder a estas questões e dão espaço mais importante às formas de ação, às trocas de argumentação, às justificações, aos debates e ao próprio conteúdo das decisões, até então frequentemente desconsiderados. Assim, Philippe Urfalino propõe uma sociologia da deliberação, um momento de articulação entre processos de tomada de decisão e conteúdos; a deliberação parece um suporte muito bom para pensar a articulação entre a mobilização e a formação dos interesses, de um lado, e a circulação dos saberes e a formação das crenças, de outro⁴⁴. Ele reconstruiu a história que resulta naquilo que chama de «decisões estruturantes»; por exemplo, a criação de uma Agência europeia do me-

⁴⁴ Philippe Urfalino e Sébastien Dalagalarrondo, «Choix tragique, controverse et décision publique. Le cas du tirage au sort des malades du sida», *Revue française de sociologie*, 4, 1999.

dicamento, em 1995, em Londres. Marc Abélès tenta iluminar o processo de fabricação de textos e de leis na Assembleia nacional com a observação simultânea dos debates e das diferentes atividades e práticas dos parlamentares⁴⁵. Também os modos de atividade, o trabalho dos diferentes grupos dirigentes para fazer reconhecer sua autoridade e sua importância e mobilizar suas redes e seus recursos, em particular nos períodos de transformações e de recomposições, atraem a atenção e são analisados.

RECOMPOSIÇÕES, RECONVERSÕES E INTERNACIONALIZAÇÃO DAS ELITES

No que concerne às elites, de um modo geral, rupturas ocorrem somente de forma excepcional, como em 1917 na Rússia; as grandes transformações são raras e, com frequência, trata-se de recomposições que podem ser observadas e analisadas. Na França, as elites políticas (deputados, ministros) diferem sensivelmente em função do governo ser mais socialista, conservador ou liberal; não são sempre os mesmos que governam e é importante que isso seja sublinhado, escrevia Pierre Birnbaum, que estudou os efeitos da chegada ao poder dos socialistas em 1981⁴⁶. Os deputados socialistas, bem como os ministros, são mais facilmente recrutados entre os «bolsistas» do que os deputados de direita, ainda que encontremos vários «herdeiros» entre eles; eles são frequentemente «móveis sociais» (isto é, em ascensão), que foram bons alunos, escolarizados em bons liceus e passaram pelas *grandes écoles*. Assim, a mudança mais importante nas elites políticas deve-se ao fato de os dirigentes socialistas terem feito suas carreiras políticas dentro do partido, realmente tendo percorrido um sistema político partidário que os conduziu das federações ao poder periférico. O peso do engajamento político era mais forte e se manifestava também no nível dos gabinetes

⁴⁵ Marc Abélès, *Un ethnologue à l'Assemblée*, *op. cit.*

⁴⁶ Pierre Birnbaum dir., *Les élites socialistes au pouvoir. Les dirigeants socialistes face à l'Etat 1981-1985*, *op. cit.*, p. 307. Ver também Monique Dagnaud, Dominique Mehl, *L'élite rose, sociologie du pouvoir socialiste 1981-1986*, Paris, Ramsay, 1988.

ministeriais. Assistiu-se, assim, nos anos 1980, a um retorno do político frequentemente ameaçado pela valorização do peso dos altos funcionários desde a 5ª República. Na alta função pública as mudanças foram menos importantes. Os funcionários muito politizados pareciam em desvantagem por sua marginalização em relação ao mundo administrativo. Não houve ruptura forte no recrutamento, nas carreiras de acesso, nos modos de governo e nas relações de poder. Ao final da pesquisa coletiva sobre as elites e as mudanças entre 1981 e 1985, Pierre Birnbaum concluiu: «Deve-se sublinhar ao mesmo tempo a amplitude de determinadas mudanças em seu recrutamento e o predomínio do poder estatal sobre sua ação». Confrontadas com a força da instituição estatal ou com a do mundo patronal, as novas elites políticas não conseguiram modificar a estrutura global do poder.

Se não houve uma ruptura maior no recrutamento e na evolução das elites no período contemporâneo quando das mudanças de maioria política, ou quando das mudanças de presidente da República, não deixamos de observar variações. Algumas mudanças, que não devem ser nem sobre-estimadas em nome de uma visão política nem subestimadas em nome da continuidade, foram observadas e analisadas; por exemplo, uma renovação limitada mas real do grande patronato das empresas públicas durante os governos socialistas, uma importante mudança de estilo e uma atração mais ampla ao setor privado com a presidência de Sarkozy do que com a presidência de Chirac, uma renovação das lógicas em funcionamento no topo das grandes empresas, as quais, de acordo com os períodos, foram nacionalizadas ou privatizadas. Os proprietários não foram substituídos em sua totalidade pelos gerentes e tecnocratas e assistimos, sobretudo, a uma diversificação e fragmentação das elites econômicas e dos dirigentes industriais e financeiros, assim como a uma interpenetração crescente dos setores privado e público.

Também a mobilidade e a circulação das elites aumentaram e as maneiras de fazer dos homens políticos e os modos de exercício do poder se transformaram, com um espaço cada vez maior conferido às atividades de avaliação ou de *expertise*. As formas e o alcance de um processo de tecnicização da ação pública foram analisados no caso da Comissão

Europeia, das políticas locais, das políticas da família, de emprego, do meio ambiente ou ainda da cultura⁴⁷.

Procurando apreender as transformações e mudanças em curso nos grupos dirigentes e nas relações de poder, o estudo das reconversões parece ser um ponto de partida interessante. Mais do que a questão da reprodução, talvez seja a questão da relação das elites com a reprodução que deva ser agora colocada, o que de certo modo induz à questão das reconversões das antigas elites. As reconversões são o conjunto das ações e reações permanentes através das quais cada grupo social se esforça em manter ou mudar sua posição na estrutura social, e se traduzem em deslocamentos no espaço social de atores ou de grupos de atores, provocados por grandes transformações políticas (queda do muro de Berlim) ou mais estruturais (transformação das formas de propriedade, dos modos de reprodução), com o abandono de posições estabelecidas e o ingresso em novos setores. Estas estratégias dependem, em larga medida, do estado das leis de sucessão, do mercado de trabalho, do sistema escolar, etc. e do estado dos diferentes recursos econômicos, culturais, sociais e simbólicos que os diferentes grupos procuram reproduzir⁴⁸. Elas dependem também da avaliação das chances de lucro e de manutenção da posição ocupada e envolvem fortemente as disposições com relação ao futuro. As reconversões recorrem com frequência à escola, por exemplo, com a reconversão de capital econômico em capital escolar, mas também podem dar-se reconversões de capital escolar em capital econômico, ou de capital burocrático em capital econômico (por exemplo, na Rússia, a passagem de antigos membros da nomenklatura para as grandes empresas privatizadas após 1989). Pode também haver «reconversões militantes», quando antigos militantes sindicais ou políticos se reconvertem, por exemplo, em direção a atividades humanitárias ou a gabinetes de conselho; uma obra coletiva coordenada por Sylvie Tissot foi dedicada a essa mo-

⁴⁷ Vincent Dubois e Delphine Dulong (dir.), *La question technocratique. De l'invention d'une figure aux transformations de l'action publique*, Strasbourg, Presses universitaires de Strasbourg, 2000 (Coleção Sociologie politique européenne).

⁴⁸ Cf. Pierre Bourdieu, Luc Boltanski, Monique de Saint Martin, «Les stratégies de reconversion», *Information sur les sciences sociales* XII, 5, 1973, pp. 61-113.

dalidade de reconversão⁴⁹. A importância das recomposições identitárias nos processos de reconversão é sublinhada. Em seu sentido mais forte, as reconversões supõem uma forma de ruptura com a herança, uma dissolução dos antigos recursos e uma recomposição destes recursos em bases diferentes, bem como uma reconstrução identitária.

O estudo comparado das recomposições e das reconversões das elites em diferentes espaços nacionais permitiu analisar os processos de valorização, desvalorização ou de revalorização das diferentes espécies de recursos (patrimônio econômico, títulos escolares, tipo de saberes e de formação, experiência no exterior, redes de relações) detidos pelos membros das diferentes elites, antigas e novas, assim como os conflitos entre essas elites pela imposição de novos princípios de legitimação das elites. No período recente, marcado pela multiplicação das reconversões e pela liberalização da economia, a diversidade dos recursos parece um trunfo decisivo. Ainda mais do que o volume, é na realidade a composição dos recursos e o fato de deter recursos diversificados, entre os quais uma experiência no exterior e uma rede de relações (uma boa agenda de endereços), que facilitam as reconversões. A frequência a instituições estrangeiras por períodos mais ou menos longos, seja no próprio país, seja, mais frequentemente, no exterior, nos Estados Unidos em especial, constitui uma prática em plena expansão que incita às reconversões. As reações e, eventualmente, as ações opostas dos outros grupos ou classes devem igualmente ser tomadas em conta para explicar as reconversões. Diversos estudos de caso (situações de ruptura aparente no recrutamento das elites econômicas na Rússia, situações de continuidade relativa no caso da *pantouflage* dos altos funcionários na França ou no caso dos antigos aristocratas que entraram na publicidade, no audiovisual, nas galerias de arte ou nas editoras, situação de intensa ruptura no caso dos antigos aristocratas que permaneceram na União Soviética ou se exilaram na França após a

⁴⁹ Cf. *Reconversions militantes*. Textos reunidos por Sylvie Tissot, com Christophe Gaubert, Marie Hélène Lechien. Prefácio de Yvon Lamy, Limoges, Presses Universitaires de Limoges, 2005, p. 10.

Revolução de 1917) têm sido realizados a fim de analisar e de comparar os processos e as modalidades dessas reconversões⁵⁰.

O desenvolvimento do mercado internacional e dos intercâmbios internacionais certamente não é uma novidade, mas sua amplitude, no entanto, é nova. O processo de internacionalização das carreiras dos dirigentes fornece frequentemente, em um primeiro momento, a oportunidade de ascensão ou de promoção de atores que não estavam entre os mais privilegiados; ele seguramente favoreceu reconversões que estão por ser estudadas⁵¹. Novos grupos dirigentes se constituem, em especial nas diferentes instituições das Comunidades européias, mas também nos numerosos organismos internacionais e nas grandes empresas multinacionais, nos escritórios de negócios ou de conselho internacionais. Há uma internacionalização das elites, a formação de um grupo de executivos internacionais? O estudo dos quadros dirigentes internacionais feito por Anne-Catherine Wagner lhe permitiu identificar os traços específicos de uma cultura internacional que dá unidade à população de altos executivos para além da diversidade das nacionalidades. Mas esta cultura, sublinha a autora, «não funciona somente como instrumento de unificação; ela também está, indissociavelmente, na origem de novas divisões e de novos princípios de hierarquização social»⁵².

A autonomia dos diferentes grupos dirigentes parece ameaçada, o que pode levar a reações de defesa dos interesses nacionais, tais como

⁵⁰ Natalia Chmatko e Monique de Saint Martin, «Les anciens bureaucrates dans l'économie de marché en Russie», *Genèses*, 27, juin 1997, pp. 88-108; Monique de Saint Martin, *L'espace de la noblesse*, Paris, Ed. Métailié, 1993 (Collection Leçons de choses); Monique de Saint Martin e Sofia Tchouikina, «La noblesse russe à l'épreuve de la Révolution d'Octobre: représentations et reconversions», *Vingtième siècle. Revue d'histoire*, 99, jul.-set. 2008, pp. 105-128.

⁵¹ Yves Dezalay, que estuda os processos de mundialização e as transformações dos campos do poder, interessou-se em especial pelas reconversões dos antigos responsáveis de grandes organizações não-governamentais (ONG) em chefes de uma multinacional. Cf. Yves Dezalay e Briant Garth, «Les ONG au service de la mondialisation? Connivence des élites internationalisées», *Le Monde diplomatique*, junho 2005.

⁵² Cf. Anne-Catherine Wagner, *Les nouvelles élites de la mondialisation. Une immigration dorée en France*, Paris, PUF, 1998, p. 211. Sobre os escritórios de negócio e os novos advogados internacionais, cf. Yves Dezalay e Bryant Garth, *La mondialisation des guerres de palais*, Paris, Seuil, 2002.

uma elevação das tensões e dos conflitos entre grupos dirigentes para manter sua autoridade sobre tal ou qual domínio, ou a novos investimentos e novas alianças.

As «novas elites da mundialização»⁵³, que em geral são executivos (*managers*), consultores, especialistas internacionais, e incluem também responsáveis de grandes organizações não-governamentais, são reforçadas como grupo dirigente e dominante, e as elites da administração são, sem dúvida, as mais mundializadas dentre elas. Contudo, anunciar a mundialização dos administradores frequentemente traz mais efeitos de retórica e de prescrição do que de descrição e de análise da realidade. A aceleração dos intercâmbios dos estudantes, a constituição de um mercado mundial de formação de executivos (*managers*) e o crescimento da competição para atrair os melhores alunos são patentes; no entanto, não se poderia deduzir haver uma mundialização dos administradores.

Esta mundialização das elites é, sem dúvida nenhuma, um objetivo desejado e anunciado por diferentes atores econômicos, políticos ou midiáticos, porém, não se remete a uma realidade sociológica; as referências nacionais estão longe de ter desaparecido entre as elites, inclusive no mundo dos dirigentes econômicos. Os diferentes modelos de construção da autoridade legítima dos dirigentes econômicos e de produção das elites estão enraizados nas lógicas sociais e históricas singulares. Na França, na Alemanha, na Inglaterra e na Itália, onde os grandes proprietários herdeiros são particularmente numerosos, para ficar nesses quatro países, apenas uma minoria (menos de 10%) dos presidentes das 200 empresas industriais e comerciais mais importantes, classificadas em função de seu volume de negócios, são estrangeiros no país onde está implantada a sede de sua empresa, o que leva a interrogar acerca da escolha das noções mais pertinentes; trata-se de processos de internacionalização das elites da administração em relação com as elites locais, ou de processos de mundialização?

⁵³ Anne-Catherine Wagner, *Les nouvelles élites de la mondialisation. Une immigration dorée en France*, op.cit.

CONCLUSÕES

Procurando compreender as transformações das relações de poder, as lutas e os conflitos pelo controle das posições socialmente mais importantes, assim como as recomposições das elites, é necessário que se preste atenção às negações, às contradições e às tensões, inclusive nos lugares, por exemplo, os conselhos de ministros ou as assembleias do episcopado, e aos discursos, por exemplo, as entrevistas, onde a unidade do grupo é cuidadosamente estampada, e que se evite - ao mesmo tempo - a denúncia e a fascinação, sem buscar, no entanto, o *status* de espectador imparcial. Nas pesquisas sobre as elites, é sempre grande o risco tanto de querer denunciar práticas abusivas, em especial a corrupção, os arranjos ou o comportamento maquiavélico dos dirigentes, quanto de participar da celebração das elites e dos grupos dirigentes, de se tornar, pouco a pouco, familiar e, em seguida, de certa forma cúmplice⁵⁴. No entanto, atualmente desenvolvem-se trabalhos de reflexão e de análise sobre as práticas de pesquisa e análises das experiências de pesquisa nos meios dirigentes⁵⁵, e a preocupação de explicação e de compreensão científica das práticas e dos processos observados é expressa de modo cada vez mais claro. Não nos interrogamos mais apenas sobre a composição, a formação ou a reprodução das elites, mas cada vez mais sobre o desenvolvimento de novas formas de legitimação e de novas tecnologias de poder, assim como de uma nova retórica. Novas questões que vão além do quadro que era proposto nos anos 1970 e 1980: o sistema de formação das elites é tão aberto quanto pretende ser? Questão que não é realmente nova, mas que é completada por outra questão: ele é justo? Como, por

⁵⁴ Diversas pesquisas sobre as *grandes écoles*, os *grands corps* e as elites foram realizadas por ex-alunos destas escolas ou corpos ou por seus familiares, ou ainda por ocasião de um centenário ou comemoração.

⁵⁵ Cf. duas obras que dão provas destas preocupações. Samy Cohen (dir.), *L'art d'interviewer les dirigeants*, Paris, PUF, 1999 (collection Politique d'aujourd'hui). Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, *Voyage en grande bourgeoisie, Journal d'enquête*, Paris, PUF, 1997, (Sciences sociales et sociétés). Ver também Sylvain Laurens, «"Pourquoi" et "comment" poser les questions qui fâchent? Réflexions sur les dilemmes récurrents que posent les entretiens avec des 'imposants'», *Genèses*, 69, 4, 2007, pp. 112-127.

exemplo, os estabelecimentos de ensino público e privado e seu pessoal articulam a exigência de responder às demandas por formação elitista e sua concepção de justiça com a escola e suas referências éticas, filosóficas, políticas ou religiosas?⁵⁶

A reestruturação das elites em torno de novos princípios de legitimação mais técnicos não exclui a utilização dos antigos trunfos; o poder dos especialistas - aliás, também contestado-, não repousa apenas na competência, nos diplomas ou na ciência. São agora as contradições entre a legitimidade reivindicada em nome de princípios universais e os modos de legitimação objetivamente em funcionamento que precisam ser analisados, da mesma forma que as operações de construção de novos princípios de justificação. Num momento de competição forte e, com frequência, feroz, entre as diferentes elites - que não exclui solidariedades -, de crise financeira, econômica e social mundial e de incertezas, uma abordagem sociológica crítica e lúcida sobre as transformações e as recomposições das elites, controlando o relativismo cultural, não reduzindo todas explicações a relações de força, evitando tanto a denúncia quanto a suspeita, o fatalismo quanto o encantamento, atenta às capacidades críticas que os atores acionam para interpretar as situações às quais se encontram confrontados, considerando as exigências e demandas de justiça e as novas desigualdades, é mais do que nunca necessária.

⁵⁶ Cf. o dossiê coordenado por Yves Duterco, «Former des élites dans un monde incertain», *Education et sociétés. Revue internationale de sociologie de l'éducation*, 21, 1, 2008.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABELÈS, M. *Un ethnologue à l'Assemblée*. Paris: Odile Jacob, 2000.
- ALLOUCH, A. & VAN ZANTEN, A. Formateurs ou 'grands frères'? Les tuteurs des programmes d'ouverture sociale des grandes écoles et des classes préparatoires. *Education et sociétés*, 21, 1, 2008, p. 97-120.
- BAUDELOT et al. Evolutions historique, géographique, sociologique des CPGE depuis 25 ans. Comunicação no *Colóquio Democratie, classes préparatoires et grandes écoles*, Paris, Ecole Normale Supérieure, 2003.
- BAUER, M. La gauche au pouvoir et le grand patronat: sous les pavés... de mouvements de classe dirigeante. In: BIRNBAUM, P. *Les élites socialistes au pouvoir*. Paris: PUF, 1985.
- BAUER, M. & BERTIN-MOUROT, B. *Radiographie des grands patrons français. Les conditions d'accès au pouvoir*. Paris: L'Harmattan, 1997.
- _____. *Les énarques en entreprises de 1960 à 1990: trente ans de pantouflage*. Tomo 1, *L'ENA est-elle une business-school?* Tomo 2, *Les énarques en entreprises*. Paris: CNRS-Boyden, 1994.
- _____. *Les «200», comment devient-on un grand patron?* Paris: Seuil, 1987.
- BISSUEL, B. Les cadres font de plus en plus appel aux prudhommes. *Le Monde*, 19 de novembro de 2008, p. 15.
- BOLTANSKI, L. L'espace positionnel. Multipositionnalité des positions institutionnelles et habitus de classe. *Revue Française de Sociologie*, XIV, 1, 1973, p. 3-26.
- _____. *Rendre la réalité inacceptable. A propos de «La production de l'idéologie dominante»*. Paris: Demopolis, 2008
- BOURDIEU, P. *La noblesse d'état. Grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Minuit, 1989.
- BOURDIEU, P. & BOLTANSKI, L. La production de l'idéologie dominante. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 2-3, 1976, p. 4-73.
- _____. & SAINT MARTIN, M. de. Le patronat. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 20-21, 1978, p. 3-82.
- _____. ; BOLTANSKI, L.; SAINT MARTIN, M. de. Les stratégies de reconversion. *Information sur les Sciences Sociales*, XII, 5, 1973, p. 61-113.

- _____. & SAINT MARTIN, M. de. Agrégation et ségrégation. Le champ des grandes écoles et le champ du pouvoir. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 69, 1987, p. 2-50.
- BIRNBAUM, P. *Les élites socialistes au pouvoir*. Paris: PUF, 1985.
- _____. *Les sommets de l'Etat. Essai sur l'élite du poder en France*. Paris: Seuil, 1977.
- _____. et. al. *La classe dirigeante française. Dissociation. Interpénétration. Intégration*. Paris: PUF, 1978.
- BODIGUEL, J.-L. & KESSLER, M.-C. Les directeurs d'administration centrale. In: BIRNBAUM, P. *Les élites socialistes au pouvoir, 1981-1985*. Paris: PUF, 1985.
- BUSINO, G. *Elites et élitisme*. Paris: PUF, 1992.
- CASTEL, R. *Les métamorphoses de la question sociale. Une chronique du salariat*. Paris: Fayard, 1995.
- CHARLE, C. Le pantouflage en France (1880-1980). *Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*, 5, 1987, p. 1115-1137.
- _____. *Les élites de la République, 1880-1900*. Paris: Fayard, 1987.
- _____. Légitimités en péril. Eléments pour une histoire comparée des élites et de l'Etat en France et en Europe occidentale (XIX^e-XX^e siècles). *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 116-117, 1997, p. 39-52.
- CHMATKO, N. & SAINT MARTIN, M. Les anciens bureaucrates dans l'économie de marché en Russie. *Genèses*, 27, juin 1997, p. 88-108.
- COENEN-HUTHER, J. *Sociologie des élites* Paris: A. Colin, 2004.
- COHEN, S. (dir.). *L'art d'interviewer les dirigeants*. Paris: PUF, 1999.
- DAGNAUD, M. & MEHEL, D. *L'élite rose, sociologie du pouvoir socialiste 1981-1986*. Paris: Ramsay, 1988.
- DEZALAY, Y. & GARTH, B. Les ONG au service de la mondialisation? Connivence des élites internationalisées. *Le Monde diplomatique*, junho 2005.
- _____. *La mondialisation des guerres de palais*. Paris: Seuil, 2002.
- DEWERPE, A. La «stratégie» chez Pierre Bourdieu. Notes de lecture. *Enquête*, 3, 1996, p. 191-208.
- DUBOIS, V. & DULONG, D. (dir.). *La question technocratique. De l'invention d'une figure aux transformations de l'action publique*. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 2000.

- DUPUY, F. *La fatigue des élites. Le capitalisme et ses cadres*. Paris: Seuil, 2005.
- EDUCATION ET SOCIÉTÉS. Revue Internationale de Sociologie de l'Education*. Dossî «Former des élites dans un monde incertain», 21, 1, 2008.
- ELIAS, N. *Qu'est-ce que la sociologie?* Paris: Pocket, 1^a ed. 1970.
- JOLY, H. *Patrons d'Allemagne. Sociologie d'une élite industrielle 1933-1989*. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1996.
- _____. *Formation des élites en France et en Allemagne*. CIRAC-Université de Cergy-Pontoise, 2005.
- JULLIARD, J. *La faute aux élites*. Paris: Gallimard, 1997.
- LAURENS, S. "Pourquoi" et "comment" poser les questions qui fâchent? Réflexions sur les dilemmes récurrents que posent les entretiens avec des "imposants". *Genèses*, 69, 4, 2007, p. 112-127.
- LE BRAS-CHOPARD, A. & MOSSUZ-LAVEAU, J. (dir.). *Les femmes et la politique*. Paris: L'Harmattan, 1997.
- MALBERG, N. C. de. Le recrutement des inspecteurs des Finances de 1892 à 1946. *Vingtième siècle*, 1985, p. 67-91.
- MARRY, C. *Les femmes ingénieurs. Une révolution respectueuse*. Paris: Belin, 2004.
- MOSSUZ-LAVEAU, J. & SINEAU, M. *Enquête sur les femmes et la politique en France*. Paris: PUF, 1983.
- OFFERLÉ, O. (dir.). *La profession politique, XIX^e-XX^e siècles*. Paris: Belin, 1999.
- PINÇON, M. & PINÇON-CHARLOT, M. *Dans les beaux quartiers*. Paris: Seuil, 1989.
- _____. *Grandes fortunes. Dynasties familiales et formes de richesse en France*. Paris: Payot, 1996.
- _____. *Nouveaux patrons, nouvelles dynasties*. Paris: Calmann-Lévy, 1999.
- _____. *Voyage en grande bourgeoisie, Journal d'enquête*. Paris: PUF, 1997.
- RECONVERSIONS MILITANTES*. Textos reunidos por Sylvie Tissot, com Christophe Gaubert, Marie Hélène Lechien. Limoges: Presses Universitaires de Limoges, 2005.
- ROSANVALLON, P. Les élites françaises, la démocratie et l'Etat. *Esprit*, out. 1997.

- SAINT MARTIN, M. de. *L'espace de la noblesse*. Paris: Métailié, 1993.
- _____. & TCHOUIKINA, S. La noblesse russe à l'épreuve de la Révolution d'Octobre: représentations et reconversions. *Vingtième Siècle. Revue d'Histoire*, 99, jul.-set. 2008, p. 105-128.
- SULEIMAN, E. *Les ressorts cachés de la réussite française*. Paris: Seuil, 1995.
- _____. & MENDRAS, H. (dir). *Le recrutement des élites en Europe*. Paris: La Découverte, 1995.
- TOURAINÉ, A. *La production de la société*. Paris: Seuil, 1976.
- URFALINO, P. & DALAGALARRONDO, S. Choix tragique, controverse et décision publique. Le cas du tirage au sort des malades du sida. *Revue Française de Sociologie*, 4, 1999, p. 99-114.
- WAGNER, A. C. *Les nouvelles élites de la mondialisation. Une immigration dorée en France*. Paris: PUF, 1998.

Tradução: Ernesto Seidl

Revisão técnica: Monique de Saint Martin